

CAPÍTULO 16

AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO
E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Juliana Sara Costa Matos

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo formado por conceitos e ideias científicas e tecnológicas, com que estamos em contato a todo o momento de maneira muito intensa. Existe uma influência da tecnologia na vida dos seres humanos, possibilitando comunicação com o mundo todo e de forma rápida. Conforme Levy (1999), novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo da informática.

No mundo da educação tudo isso não é muito diferente e podemos presenciar a utilização de artefatos tecnológicos, precisamente os digitais. A escola está equipada com computadores, a maioria dos alunos com seus dispositivos móveis, porém o que precisamos saber é se esses recursos estão sendo utilizados de maneira pedagógica e trazendo contribuições para fins de aprendizagem educativa, como especificamente para o processo de letramento e alfabetização dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Na escola, disciplinas ministradas poderiam ter seus conteúdos com o apoio das tecnologias digitais, com metodologias pedagógicas apropriadas para esse público. Nessa perspectiva, nos focaremos em como vem acontecendo o processo de letramento digital, por meio do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), computadores e internet, por sujeitos envolvidos com a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O ensino no século XXI exige uma mudança de paradigma, onde o professor é um mediador e o aluno também é ator no processo de construção de seu saber. Diferente de aulas tradicionais, aplicadas ao longo de nossa história em que, um professor detentor do saber dava sua aula e o aluno era um mero espectador servindo de repositório. De acordo com Freire (2013, p. 47), “Ensinar não é transferir conhecimento”. Observamos uma verdadeira invasão das tecnologias em nossas vidas. Na

educação está acontecendo a mesma coisa, porém nem sempre essas tecnologias são utilizadas em aulas, ou quando são, nem sempre se apresentam de forma correta. Kenski (2012) aponta para uma utilização inapropriada da tecnologia que está presente no ambiente educacional, pois algumas propostas de ensino acabam não sendo eficientes, com a existência de educadores que muitas vezes não estão preparados para utilizar a tecnologia de forma eficaz no seu trabalho.

Nas escolas cada vez mais se fala no trabalho envolvendo tecnologia, o que nem sempre é satisfatoriamente realizado, seja pela falta de acesso aos computadores e internet que nem sempre estão disponíveis, seja pela falta de habilidade dos professores com a ferramenta.

A Educação de Jovens e Adultos, que conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, estabelece a EJA como modalidade educativa que compõe a educação básica (BRASIL, 1996). Porém, essa educação básica que chega até esse público, nem sempre atende às necessidades reais esperadas por eles. O que ocorre na verdade é que esses alunos chegam até as escolas como um público diferenciado, ou seja, heterogêneo, pois são trabalhadores, desempregados, idosos, jovens, das mais variadas etnias e portadores de deficiências especiais. Porém, esses não podem ser penalizados com menos direitos do que os demais alunos que estão no ensino regular.

A formação de professores deveria principalmente ter incentivo à pesquisa e à prática de aulas em que houvesse o uso dos recursos tecnológicos, assim como sites e alguns programas com jogos e vídeos interativos, onde o aluno pudesse interagir com alguns conteúdos e as mais variadas realidades sociais.

A inclusão do computador nos espaços escolares pode contribuir positivamente, permitindo e proporcionando trocas e comunicações. São novas maneiras vivenciadas através da leitura na tela do computador. Dessa forma, o exercício da leitura não ocorre apenas da mesma forma, sendo possível compartilhar com diversas partes do texto. Podemos perceber que as mudanças ocorridas na era digital experimentam novas maneiras de pensar e comunicar. Para Lévy (1997), não pode ocorrer a limitação do usuário no uso das tecnologias e suas ferramentas, como mera digitação e procura de informações, é indispensável a construção do conhecimento.

2 TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EJA: LIMITES E POSSIBILIDADES

O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), na sociedade atual, possibilita relações entre os sujeitos, produzindo uma estruturação de novas compreensões a respeito do processo ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, é fundamental que o trabalho escolar focalize formatos e práticas variadas que embasem a reconstrução das ações pedagógicas, implementando novas relações dos professores com o saber científico-pedagógico, a exemplo do letramento digital.

De acordo com Tezani (2011, p. 100), “as novas maneiras de ensinar, aprender e desenvolver o currículo por meio da integração das tecnologias digitais fomentam, na prática pedagógica, o desenvolvimento de aprendizagens significativas”

Em consenso com Moran (2013), ressalta-se que, com as tecnologias contemporâneas, as instituições escolares podem transformar-se em espaços de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que estimulem os educandos a aprender ativamente, a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber, tomar iniciativas e interagir.

Em Cibercultura, Pierre Levy (1999) afirma que podemos observar a reflexão sobre a aprendizagem em ambientes virtuais. O autor destaca que, com o auxílio do ciberespaço, os educadores são capazes de desenvolver os seus conhecimentos, com relação às práticas pedagógicas perante a necessidade cada vez maior de formação para trabalhar com redes digitais. O autor defende que a aquisição do uso do ciberespaço por alunos e professores proporciona que esses sujeitos possam, cada vez mais, obter novos conhecimento e aprendizagem.

Sabemos que usar recursos tecnológicos na escola não significa resolver todos os problemas que afligem a educação durante anos. Como relata Joye e Caldas (2013, p. 305), “as tecnologias funcionam como catalisadores para as mudanças, mas, apenas por si, não bastam para transformar a realidade na escola”.

Vani Moreira Kenski (2012) traz em seu livro “Educação e Tecnologias: O Novo Ritmo da Informação”, reflexões sobre os grandes desenvolvimentos tecnológicos e o que podem promover para a educação. A autora também defende a necessidade das escolas em inserirem as novas possibilidades que as tecnologias

podem proporcionar para o seu trabalho, principalmente o docente, pois através dessas ferramentas estará aprendendo novas maneiras de trabalhar. Kenski (2012) expõe que:

O professor, em um mundo em rede, é incansável pesquisador. Um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e a imprevisibilidade da época para se aprimorar cada vez mais. Que procura conhecer-se para definir seus caminhos, a cada instante. Em um momento social em que não existem regras definidas de atuação, cabe ao professor o exame crítico de si mesmo, procurando orientar seus procedimentos de acordo com seus interesses e anseios de aperfeiçoamento e melhoria de desempenho (KENSKI, 2012, p. 90).

Nos estudos de Coelho (2011) que se direcionam para a abordagem das relações dos alunos da EJA com as tecnologias digitais e as implicações e possibilidades na vida de cada um, observamos que:

cotidianamente o cidadão se vê diante de um computador. Seja no supermercado, no banco, na farmácia, no trabalho, o computador está presente para agilizar as operacionalizações e demais tarefas do cotidiano das pessoas e trabalhadores de modo geral. Em muitos desses lugares ele se vê obrigado a operar essas máquinas para que possa efetivamente efetuar algum tipo de ação: bancária, compras, solicitação de serviços, comunicação. Consequentemente, eles precisam compreender e se apropriar dessas tecnologias para que consigam realizar não só suas atividades com êxito, sem ter que solicitar a ajuda de alguém e continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida, de forma crítica e autônoma ao utilizar e explorar o ciberespaço (COELHO, 2011, p. 100).

Assim sendo, concordamos com a autora supracitada que na sociedade atual da informação e comunicação é indispensável, na EJA, a alfabetização e o letramento digital, dada à importância e à necessidade das tecnologias digitais, as quais contribuem na inclusão social e autonomia na vida dos educandos.

Bastos (2008) assinala que vivemos em um cenário de constantes e aceleradas mudanças, provocadas pelos avanços científicos e tecnológicos e por transformações sociais e econômicas. Essas mudanças revolucionam nossos modos de comunicação, de relacionamento com as pessoas, com os objetos e com o mundo ao nosso redor, encurtando distâncias, expandindo fronteiras, num intenso intercâmbio de produtos e práticas socioculturais.

Nesse contexto, segundo Bastos (2008, p. 20), “as mídias e tecnologias invadem nosso cotidiano e aceleram e aprofundam essas transformações”. Dito isso, vale ressaltar que as instituições educacionais não podem ficar de fora dessas transformações também, pois deve partir delas o incentivo e o uso das tecnologias como forma de inclusão social.

Como enfatiza Masetto (2013), as oportunidades que as tecnologias educacionais proporcionam aos educandos são diversas, a exemplo do “desenvolvimento da criticidade para se situar diante de tudo o que se vivencia por meio do computador e aprender a selecionar o que é verdadeiro e relevante para seu desenvolvimento” (MASETTO, 2013, p. 149). Dessa forma, dos ensinamentos do autor apreende-se que o educando é incentivado a buscar novos conhecimentos, pois através dessa tecnologia ele tem a curiosidade instigada a buscar mais informações.

Takahashi (2005) chama a atenção sobre a visão reducionista direcionada para a educação na Sociedade da Informação, que normalmente focaliza apenas no uso de tecnologias. Segundo ele, pensar em educação requer uma visão mais ampla de tudo que se vivencia de novo na sociedade, pois exige considerar um leque de aspectos relativos às tecnologias de informação e comunicação, a começar pelo papel que elas desempenham na construção de uma sociedade que tenha a inclusão e a justiça social como uma das prioridades principais (TAKAHASHI, 2000, p. 45).

Segundo Libâneo (2003), numa sociedade caracterizada pela multiplicidade de meios de comunicação e informação não teria lugar para a escola convencional, a escola do quadro-negro e giz. Em vista disso, a escola precisa adequar seu currículo às novas tecnologias. Em face do presente trabalho, pode-se perceber que com os jovens e adultos torna-se ainda mais indispensável, já que estão cronologicamente atrasados nos estudos e precisam de um sentido concreto para alcançar seus objetivos, preparando-os para se integrarem ao mercado de trabalho.

Moran (2013) destaca que uma educação de qualidade envolve muitas variáveis. Entre elas, cita uma organização inovadora, aberta, dinâmica, com um projeto pedagógico coerente, aberto, participativo; com infraestrutura adequada, atualizada, confortável; tecnologias acessíveis, rápidas e renovadas (MORAN, 2013, p. 23).

O autor também identifica a necessidade que a organização educacional deve motivar os alunos e prepará-los intelectual e emocionalmente. E se nos reportarmos a uma organização educacional que atende jovens e adultos, essas variáveis tornam-se ainda mais relevantes, pois a dinamicidade e a motivação são essenciais para que esses educandos permaneçam na escola. De acordo com Behrens (2013, p. 81),

para romper com o conservadorismo, o professor deve levar em consideração que, além da linguagem oral e da linguagem escrita que acompanham historicamente o processo pedagógico de ensinar e aprender, é necessário considerar também a linguagem digital. Nesse processo de incorporação, ele precisa propor novas formas de aprender e de saber se apropriar criticamente de novas tecnologias, buscando recursos e meios para facilitar a aprendizagem. Portanto, o professor, ao propor uma metodologia inovadora, precisa levar em consideração que a tecnologia digital possibilita o acesso ao mundo globalizado e à rede de uma informação disponível em todo o universo.

A autora considera a presença das TICs uma ferramenta importante para a escola no contexto atual, da mesma maneira que salienta o quanto é relevante o uso das tecnologias digitais por parte dos educadores, sendo um recurso pedagógico para favorecer a aprendizagem. Dessa forma, o educando jovem e adulto, ao compreender e fazer uso das tecnologias, pode ultrapassar as dificuldades culturais e sociais e, poderão se reconhecer inseridos na sociedade do conhecimento.

As Tecnologias da Comunicação e Informação, segundo Libâneo (2003), apresentam propósitos pedagógicos na educação:

Possibilitar a todas as oportunidades de aprender sobre mídias e multimídias e a interagir com elas...

Propiciar preparação tecnológica comunicacional, para desenvolver competências, habilidades e atitudes para viver num mundo que se 'informatiza'...

Aprimorar o processo comunicacional entre os agentes da ação docente-discente e entre estes e os saberes significativos (LIBÂNEO, 2003, p. 68-69).

Assim, observamos que são vários os propósitos das novas tecnologias da comunicação para contribuir no processo da aprendizagem. Dessa forma, compete aos educadores conhecer e compreender para utilizar de maneira eficaz, pois elas contribuem

para construção do conhecimento do educando, inclusive em relação ao mundo do trabalho.

É nesse sentido que, a organização escolar deve fundamentar o seu currículo às novas tecnologias, especialmente no caso de tratarmos da modalidade de jovens e adultos, que já vivenciaram a negação de direitos sociais e necessitam de um significado para atingir as suas intenções, dessa maneira, propiciando caminhos para incorporar o mundo de trabalho que cada vez mais requer mão-de-obra qualificada, especialmente quando diz respeito ao conhecimento e prática de uso de equipamentos tecnológicos. Nessa perspectiva, Moran (2004) afirma que:

colocamos tecnologias nas universidades e nas escolas, mas, em geral, para continuar fazendo o de sempre – o professor falando e o aluno ouvindo – [...] As tecnologias são utilizadas mais para ilustrar o conteúdo do professor do que para criar novos desafios didáticos (MORAN, 2004, p. 245).

Segundo Haddad e Di Pierro (2000, p. 25),

o Brasil que ingressa no século XXI está integrado cultural, tecnológica e economicamente a essas sociedades pós-industriais, e comporta dentro de si realidades tão desiguais que fazem com que as possibilidades e os desafios da educação permanente também estejam colocados para extensas parcelas de nossa população. O desafio maior, entretanto, será encontrar os caminhos para fazer convergir as metodologias e práticas da educação continuada em favor da superação de problemas do século XIX, como a universalização da alfabetização (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 25).

Dessa maneira, os autores chamam a atenção para a disparidade que ainda há em relação ao uso das tecnologias na sociedade e nas instituições educacionais. É claramente perceptível que as instituições educacionais, principalmente as públicas, não conseguem implementar no seu currículo o uso das tecnologias em favor da qualidade da educação.

As barreiras a serem superadas na Educação de Jovens e Adultos, incluem muitos desafios. Um exemplo disso se ancora nas práticas pedagógicas com um viés de ensinar a leitura e escrita, mas sem uma preocupação em uma formação social e reflexiva. Diante desse cenário se faz necessário visualizar as necessidades desses alunos para além dos muros da escola, considerando uma perspectiva da vida cotidiana. Portanto, trazer a tecnologia para a sala de aula de EJA é algo imprescindível,

pois essas necessidades fazem parte da vida de todos, e essas pessoas precisam se apropriar desses mecanismos para resolverem necessidades cotidianas.

Nesse sentido, esta pesquisa pretende se constituir como contribuição para a área de Educação de Jovens e Adultos, tendo como ênfase o trabalho com o letramento digital. Conforme já anunciamos, devido aos avanços tecnológicos que vêm ocorrendo nas diferentes sociedades do mundo, cada vez é mais importante que o uso das TICs possa se fazer efetivamente presente nas instituições escolares, com acesso para todos os níveis e modalidades de ensino. Consideramos, assim, que as tecnologias também podem integrar a modalidade de EJA, pois estão inseridas no processo de aprendizagem, que já ocorre através de atividades. Professores, disciplinas programáticas, espaços específicos e diferenciados, podem vir a contribuir no movimento do Ensino e aprendizagem, favorecendo a inclusão desses sujeitos no meio educacional, profissional e individual.

A partir das tecnologias, é possível ser vivenciado o letramento digital. Por meio desse processo, o presente estudo buscará investigar como a utilização de recursos tecnológicos no processo de leitura e escrita, através do letramento digital possibilita nos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos uma formação não apenas técnica, mas um posicionamento crítico, reflexivo e questionador. Diante dos avanços tecnológicos no mundo em que vivemos, é importante que esse uso possa estar presente nas instituições escolares. A EJA, como uma modalidade, também deve ser contemplada com uso das tecnologias na sua formação escolar e social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos o crescimento do uso das TICs, no entanto, as instituições escolares ainda são fragilizadas em relação a suas práticas e uso dessas ferramentas. Na EJA é necessária a inclusão no contexto digital, pois esses sujeitos também utilizam as tecnologias em que estão envolvidos no cotidiano, como: smartphones, computadores, tablets e outros. Nesse cenário se faz necessário visualizar as necessidades desses alunos para a vida cotidiana. Trazer a tecnologia para a sala de aula de EJA é algo imprescindível, pois essas necessidades fazem parte da vida funcional de todos, e essas pessoas precisam apropriar-se desses

mecanismos para resolverem situações do cotidiano, assim como apropriar-se de novos conhecimentos para sua formação escolar e social.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, Jean-Claude. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 155 –172.
- BASTOS, Beth. *Introdução à educação digital: caderno de estudo e prática / Beth Bastos... [et al] – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância, 2008.*
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011
- BRASIL. Senado Federal. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96*. Brasília: 1996.
- BUZATO, Marcelo El Khouri. *Entre a Fronteira e a Periferia: linguagem e letramento na inclusão digital*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.
- _____. *Letramentos digitais e formação de professores*. 2006. Disponível em: <http://www.unilago.com.br/arquivosdst/24983MarceloBuzato%20-%20letramento%20digital%20e%20formacao%20de%20profs%20@.pdf>. Acesso em 09 de dezembro de 2016.
- CARVALHO, Ana Maria. P.; PÉREZ, Daniel Gil. *Formação de Professores de Ciências Tendências e Inovações*. 6 ed. São Paulo: Cortez Ed., 1995.
- COELHO, Livia Andrade. *As relações dos alunos da EJA com as tecnologias digitais: implicações e possibilidades na vida de cada um*. Livia Andrade Coelho. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2001.

DI PIERRO, Maria Clara. Educação de Jovens e Adultos na América Latina e Caribe: trajetória recente. Cadernos de Pesquisa[online]. 2008, v. 38, n. 134, pp. 367 - 391. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742008000200006&script=sci_abstract&tlng=pt

DURAN, Marília Claret Geraes. Representações sociais de professores em formação sobre profissão docente. IN: SOUSA, Clarilza P. de; PARDAL, Luís A; VILLAS BÔAS, Lúcia P. S. Representações sociais sobre o trabalho docente. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2006. p.91-106.

FAVERO, Osmar (org.). Cultura Popular, Educação Popular, Memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

FERNANDES, Jarina Rodrigues. O computador na educação de jovens e adultos: sentidos e caminhos. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. A Máquina está a serviço de quem? Revista Bits, p. 6, 1984.

FREIRE, Paulo. Educação Como Prática de Liberdade. 23ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Org.). Educação de jovens e adultos: Teoria, Prática e Proposta. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2000 (Guia da Escola Cidadã, v. 5, p. 79-87).

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. A Aprendizagem de jovens e adultos: uma avaliação da década da educação para todos. São Paulo; Perspectiva, vol 14, nº 1 Jan/mar. 2000.

JOYE, Cassandra Ribeiro; CALDAS, Odmir Fortes Menezes. Tecnologias Digitais na Prática Curricular: Desafios e Oportunidades. In. Currículo: Diálogos Possíveis.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação. Campinas: Editora Papirus, 2012. 141p.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e ensino presencial e a distância. 6. ed. Campinas/SP: Papirus, 2008.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (Org.). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. Adeus professor, adeus professora?: Novas exigências educacionais e profissão docente / José Carlos Libâneo. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003. – (Coleção Questões da Nossa Época; v. 67).

MADEIRA, Margot Campos. A confiança afrontada: representações sociais da aids para jovens. In: JODELET, Denise; MADEIRA, Margot Campos. (Org.). Aids e representações sociais: a busca de sentidos. Natal: EDUFRN, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; GOMES, Romeu. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOLL, Jaqueline org. Educação de Jovens e adultos. Porto Alegre: Mediação, 2004.

MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas Tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, SP: Papirus, 2013.

MORAN, José Manuel. Conhecimento local e conhecimento universal: diversidade, mídias e tecnologias na educação. Texto publicado nos anais do 12º Endipe. Vol. 2. Curitiba: Champagnat, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Educação e letramento. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

OSMAR Fávero. Uma pedagogia da participação popular; análise da prática pedagógica do MEB – Movimento de Educação de Base, 1961-1966. Campinas: Autores Associados, 2006, 304 p.

ROJO, Roxana Helena Rodrigues. Multiletramentos na escola / Roxane Rojo, Eduardo Moura (orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TAKAHASHI, Tadao. Inclusão social e TICs: inclusão Social. Brasília, v. 1, n. 1, out./mar., 2005.

TEZANI, Thaís Cristina Rodrigues. Considerações sobre as tecnologias da informação e da comunicação na educação básica e as práticas pedagógicas curriculares. In: ZANATA, E. M; CALDEIRA, A. M. A; LEPRE, R. M. (Orgs.). Cadernos de Docência na Educação Básica. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

VENTURA, Jaqueline. RUMMERT, Sônia. Considerações político-pedagógicas sobre as especificidades da educação de jovens e adultos trabalhadores. In: SOUZA, José dos Santos; SALES, Sandra Regina. Educação de Jovens e Adultos: políticas e práticas educativas. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VERGÉS, Pierre. Ensemble de Programmes permettant l'analyse des evocations. Aix en Provence: version 2, abril, 2000.

VIEIRA, Maria Clarisse. Fundamentos históricos, políticos e sociais da educação de jovens e adultos: aspectos históricos da educação de jovens e adultos no Brasil. Brasília: Universidade de Brasília, 2004. V. 1.